Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

# Desafios e Conexões: a experiência de uma escola pública com tecnologias no ensino remoto emergencial

**Élidi Preciliana Pavanelli (UFMT - SEDUC/MT)**

https://orcid.org/0000-0001-7759-3666

*elidipavanelli@gmail.com*

***Resumo**: Este relato aborda a trajetória de uma escola estadual durante o Ensino Remoto Emergencial na pandemia de Covid-19. O estudo qualitativo, de abordagem interpretativista, analisou entrevistas, observações e documentos para compreender desafios e mudanças vivenciados por educadores, alunos e gestores. Destacam-se dificuldades com Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, desigualdade socioeconômica no acesso a dispositivos e internet, além da adoção criativa de estratégias pedagógicas. Conclui-se que, apesar dos obstáculos, o período trouxe aprendizados relevantes para a comunidade escolar.*

***Palavras-chave**: Tecnologias. Ensino remoto. Educação à distância.*

***Abstract**: This report addresses the trajectory of a state school during Emergency Remote Education during the Covid-19 pandemic. The qualitative study, with an interpretative approach, analyzed interviews, observations, and documents to understand the challenges and changes experienced by educators, students, and managers. Difficulties with Digital Information and Communication Technologies, socioeconomic inequality in access to devices and the internet, and the creative adoption of pedagogical strategies stand out. It is concluded that, despite the obstacles, the period brought relevant learning to the school community.*

***Keywords: Technologies.** Remote education. Distance education.*

## 1 INTRODUÇÃO

A pós-modernidade já estava provocando diversas transformações na sociedade, incluindo a aceleração da transição para o ambiente digital. A escola, que ainda demonstrava resistência a essas mudanças, viu-se obrigada a adotar novas abordagens pedagógicas com a chegada da pandemia de Covid-19 no início de 2020.

O distanciamento social imposto pela crise sanitária trouxe desafios consideráveis, exigindo que atividades anteriormente realizadas de forma presencial fossem adaptadas para o formato digital. Com a necessidade de reduzir o contato físico, as escolas foram forçadas a fechar suas portas e a operar de maneira remota. Na rede pública estadual de Mato Grosso, as aulas foram suspensas em março de 2020 e retomadas em agosto, por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE)[9]. Os celulares, que antes eram considerados um problema dentro das escolas, passaram a ser ferramentas essenciais para manter a comunicação entre a instituição e a comunidade escolar.

Esse novo cenário exigiu que tanto professores quanto alunos desenvolvessem novos letramentos para se adaptar à educação em um contexto digital. O ensino passou a ser realizado fora da sala de aula tradicional, com o uso de diversas tecnologias, como notebooks, celulares, microfones, webcams e plataformas de aprendizagem online (AVA). Foi nesse cenário que a Escola Estadual Ênio Pipino, localizada em Sinop, a 500 km de Cuiabá, se adaptou ao novo formato de ensino remoto. Neste relato, compartilhamos as experiências vivenciadas pelos educadores e alunos dessa instituição, destacando os desafios enfrentados durante a implementação do ERE.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO

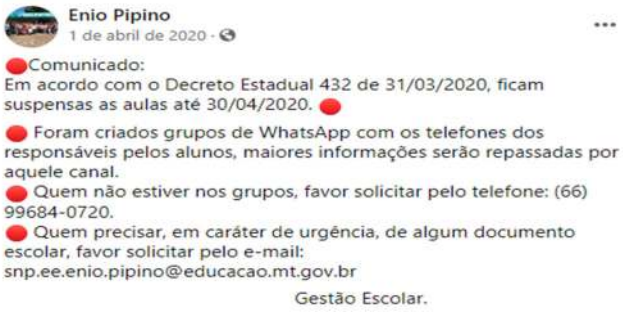
A Escola Estadual Ênio Pipino está localizada no Setor Residencial Norte, em Sinop, a 500 km da capital Cuiabá. Embora esteja situada em uma área central, atende principalmente estudantes da periferia e da zona rural, muitos dos quais dependem do transporte escolar. A instituição oferece ensino fundamental (anos finais) e ensino médio, com 40 turmas distribuídas em três turnos, atendendo cerca de 1.400 alunos. Sua infraestrutura inclui 16 salas de aula, sala dos professores, sala de estudos, refeitório e uma quadra coberta. Por ser uma das primeiras escolas construídas em Sinop, o prédio é antigo e demanda diversas reformas.

Em março de 2020, a escola estava seguindo seu ritmo normal de atividades, concluindo o primeiro bimestre letivo, quando a Secretaria Estadual de Educação (Seduc) de Mato Grosso anunciou a suspensão das aulas devido à pandemia de Covid-19. Inicialmente, acreditava-se que a interrupção seria temporária, e por isso, não foram tomadas medidas imediatas para garantir a continuidade das atividades escolares. A seguir, apresentamos um comunicado publicado nas redes sociais da escola:

**Imagem 1 –** Comunicado sobre a suspensão das aulas

[9] Essa foi a nomenclatura adotada pela Seduc MT nos documentos e orientativos oficiais a partir de julho de 2020.

**Figara 1 –** Comunicação.




Fonte: redes sociais da escola (04/2020)

A suspensão das aulas se estendeu até julho de 2020, quando a Seduc, por meio de uma nota técnica, determinou o retorno das atividades no formato de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Esse modelo previa o uso de um ambiente virtual de aprendizagem para a realização de aulas online a partir de agosto. A plataforma escolhida foi o Microsoft Teams, que até aquele momento não havia sido utilizada na rede estadual.

## 3. RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESCOLA, ESTRATÉGIAS, GESTÃO, ALUNOS E PROFESSORES

A plataforma selecionada para o Ensino Remoto Emergencial foi o Microsoft Teams, escolhida devido a uma parceria pré-existente entre a Seduc e a Microsoft, que já fornecia e-mails institucionais para a rede estadual.

Segundo a Wikipédia, o Microsoft Teams é uma plataforma integrada de comunicação e colaboração que reúne funções como bate-papo, videoconferências, armazenamento de arquivos e ferramentas de trabalho em um único ambiente. A plataforma permite a criação de equipes, onde é possível postar atividades, fornecer feedbacks e realizar reuniões virtuais.

Em julho de 2020, os formadores dos Centros de Formação e Atualização Profissional (Cefapros)[10] participaram de um treinamento direto com a Microsoft, que mais tarde repassaram o conhecimento aos professores das escolas estaduais. A formação inicial sobre a plataforma ocorreu nas duas semanas que antecederam o retorno das aulas online. Em seguida, os docentes participaram de outras etapas do curso, que se concentraram no planejamento pedagógico com base nas habilidades da BNCC e na utilização de recursos digitais.

Para possibilitar as aulas online, a Microsoft configurou o ambiente virtual, importando os dados das secretarias escolares e criando equipes organizadas por disciplina. Dessa forma, ao acessar a plataforma, um aluno do ensino médio encontrava 13 equipes, correspondentes às matérias do currículo. No início, essa estrutura gerou dificuldades de compreensão para alguns estudantes, mas também ofereceu maior privacidade aos professores, que puderam gerenciar suas disciplinas de maneira independente, sem que suas postagens fossem visíveis para toda a escola.

[10] Os Cefapros foram extintos do organograma da Seduc/MT no início de 2021.

## 3.1. DESAFIOS DE ENSINAR E APRENDER NO DIGITAL

Com o anúncio do retorno das aulas, professores e gestores participaram de formações para aprender a utilizar o Microsoft Teams, a plataforma escolhida pela rede estadual para as atividades online. A partir desse momento, reuniões, cursos e aulas deixaram de ser presenciais e passaram a ser realizadas exclusivamente no ambiente virtual.

No início, muitos servidores enfrentaram dificuldades para entender a plataforma, além de problemas de conectividade e falta de equipamentos adequados. Os professores tiveram que se adaptar ao trabalho remoto, utilizando suas próprias conexões de internet e dispositivos, sem qualquer suporte por parte do Estado naquele momento.

As dificuldades no manuseio da plataforma e dos equipamentos também representaram um grande desafio. Dentro do ambiente escolar, era possível contar com a ajuda dos colegas em caso de dúvidas, mas em casa, muitos não tinham esse suporte. Além disso, parecia contraditório precisar acessar o Microsoft Teams para participar de um curso do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação (Cefapro), voltado justamente para o aprendizado da própria ferramenta. Embora a plataforma fosse considerada bastante completa, sua complexidade inicial gerou insegurança e ansiedade entre os docentes. As semanas de formação foram intensas, marcadas por novos aprendizados, prazos curtos e uma grande falta de clareza sobre como o ensino remoto ocorreria na prática.

Os professores tiveram 15 dias para aprender a usar a plataforma antes de começarem a utilizá-la com os alunos. Apenas 20 dias após esse período, começaram uma nova formação, agora focada no planejamento das aulas remotas.

"Como assim? Aprender a usar uma plataforma em apenas 15 dias? Retomar as aulas sem antes discutir o planejamento? Se nós, professores, tivemos dificuldades, como seria para os alunos? Quais metodologias seriam mais eficazes? Como garantir a aprendizagem a distância?" Essas foram algumas das perguntas que surgiram nas reuniões pedagógicas realizadas pelo Teams.

Esse momento foi, como bem definem Santos et al. (2021, p. 25), um "espaço-tempo de resistência e euforia diante das aprendizagens conceituais e práticas necessárias para o fazer docente mediado pelo digital, em função da ruptura da presencialidade". Essas aprendizagens já vinham sendo abordadas em anos anteriores em formações continuadas conforme evidenciado nos estudos de Pavanelli-Zubler e Zubler (2025), mas ainda se apresentava de forma incipiente e pouco resultava em efeitos práticos.

## 3.2. RECONECTANDO PROFESSORES E ALUNOS

Para garantir o retorno das aulas com os alunos, a escola organizou grupos no aplicativo WhatsApp. A gestão criou um grupo para cada turma, incluindo professores, pais e estudantes, onde eram compartilhados avisos e orientações.

Os alunos foram informados, por meio do WhatsApp ou de ligações telefônicas, sobre como liberar seu e-mail institucional e acessar a plataforma digital. Nesse processo, os professores tiveram que auxiliar as turmas, orientando sobre o passo a passo para ativação do e-mail e os primeiros acessos ao ambiente virtual. Em alguns casos, foi necessário que os professores desbloqueassem os e-mails, acessassem a plataforma como

se fossem os alunos e, só então, fornecessem as credenciais de acesso, junto com vídeos explicativos.

Enquanto alguns estudantes se adaptaram rapidamente à plataforma e conseguiram utilizar seus recursos sem grandes dificuldades, outros enfrentaram problemas para localizar as atividades ou se atrapalhavam durante as reuniões, como esquecer de desligar o microfone ou sair acidentalmente das chamadas. Os professores, por sua vez, também enfrentaram desafios para gerenciar as aulas, como dificuldades para remover alunos de reuniões ou compartilhar vídeos com áudio corretamente.

As primeiras semanas foram dedicadas à adaptação: compreender o funcionamento da plataforma, cadastrar os e-mails e estabelecer uma dinâmica de interação. Alguns alunos participaram ativamente, interagindo com os professores e ajudando os colegas. No entanto, muitos não respondiam às mensagens nem enviavam as atividades. Diante disso, a gestão e os docentes começaram a entrar em contato diretamente por telefone para entender as razões da falta de participação. Entre os problemas relatados estavam: dificuldades no uso das tecnologias digitais, falta de equipamentos ou acesso à internet, necessidade de cuidar de irmãos mais novos e, em muitos casos, desmotivação e desinteresse.

Como destacado por De Paula et al. (2021), essa experiência evidenciou a exclusão digital de muitos professores, alunos e suas famílias, que não tinham acesso às ferramentas tecnológicas necessárias. Esse cenário reforça a importância de garantir o direito a esses recursos, uma vez que os artefatos tecnológicos digitais são, como apontam os autores, "artefatos culturais do nosso tempo, interfaces e redes de comunicação mediadoras dos processos de interação entre as pessoas, em seus cotidianos de ensino e aprendizagem escolares e nas práticas sociais" (De Paula et al., 2021, p. 67).

## 3.3. DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR

Nos primeiros meses do ensino remoto, o material didático adotado foram as apostilas elaboradas pela Seduc, disponibilizadas no site Aprendizagem Conectada. Somente após a formação inicial, os professores começaram a criar suas próprias apostilas. Durante esse período, a Seduc não autorizou a entrega e utilização dos livros didáticos aos alunos, justificando que os materiais não estavam completamente alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que não havia exemplares suficientes para todos.

Estar na gestão escolar no início da pandemia foi um grande desafio. Aos gestores couberam diversas responsabilidades, incluindo:

- Zelar pelo patrimônio da escola, que permanecia fechada, mas precisava ser mantida e preparada para um possível retorno;
- Identificar a situação de cada servidor e garantir que suas atividades pudessem ser realizadas remotamente;
- Criar e organizar grupos de WhatsApp para comunicação entre pais, alunos e professores;
- Providenciar e imprimir materiais para estudantes sem acesso à internet;
- Coordenar a entrega de cestas básicas às famílias em situação de vulnerabilidade;
- Atender pais e responsáveis em questões de matrículas e transferências.

A complexidade dessas ações destacou o quanto a gestão escolar precisou se reinventar para atender às novas demandas do ensino remoto, garantindo o mínimo de suporte possível à comunidade escolar em um momento repleto de incertezas.

## 3.4 A PRÁTICA: PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS E ATUAÇÃO DOS PROFESSORES

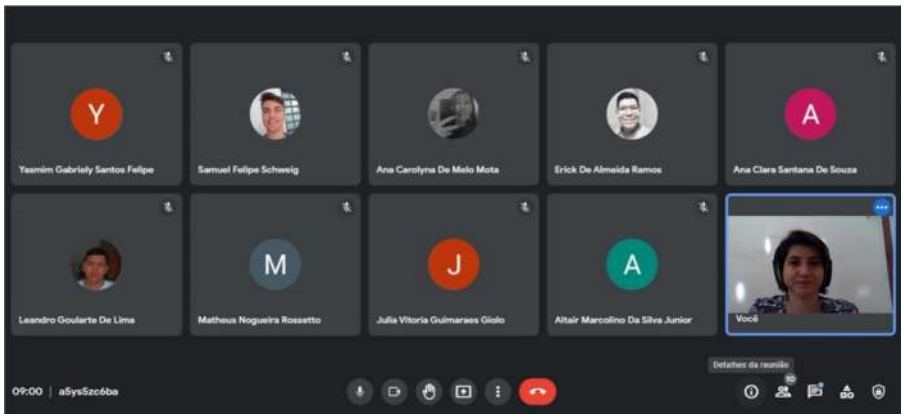
Para o retorno das aulas, foram definidos alguns combinados. Os professores deveriam disponibilizar as apostilas em formato PDF na plataforma e publicar atividades obrigatórias. Para as aulas ao vivo, era necessário preparar slides, que, após as aulas, eram usados para gravar as explicações e disponibilizar no YouTube para os alunos que não haviam participado das aulas ao vivo.

Durante as aulas ao vivo, o uso do chat pelos alunos era mínimo. Eles preferiam se comunicar por áudio, pois haviam sido informados de que todas as interações seriam registradas no sistema, e que a Seduc poderia monitorar as conversas.

Um dos maiores desafios foi o desconhecimento sobre como utilizar os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) e a dificuldade de trabalhar com a educação online. Poucos professores estavam familiarizados com os recursos disponíveis nessas plataformas e com as metodologias mais eficazes para as práticas pedagógicas no ambiente digital. Mesmo após a formação de duas semanas, muitos docentes ainda não se sentiam seguros para utilizar a plataforma e precisavam da ajuda de colegas para iniciar.

Quanto à participação dos alunos, podemos usar como exemplo as turmas do 2º e 3º anos do Ensino Médio matutino, que tinham, em média, 37 alunos matriculados. Durante as aulas ao vivo, a participação média era de 12 alunos. Outros 10 alunos não acessavam as aulas ao vivo, mas realizavam as atividades posteriormente na plataforma ou enviavam as tarefas por WhatsApp para os professores. Aproximadamente 10 alunos relataram não ter acesso contínuo à internet e precisavam usar material impresso. Restaram, em média, cerca de 5 alunos que não deram retorno e não foram localizados, possivelmente desistentes. Abaixo, apresentamos uma captura de tela de uma aula online, que contou com a participação de 09 alunos[11] ao vivo.

**Figura 2** – Sala de aula do Teams.




Fonte: acervo da professora (11/2020)

[11] Todos os alunos da escola possuem termo autorizando divulgação de seus dados para publicação de trabalhos acadêmicos.

De maneira geral, um dos maiores desafios foi a transposição dos espaços de ensino do físico para o virtual. Não estávamos preparados, e há algum tempo não estudávamos o uso de tecnologias na educação. Concordamos com Maia, Silva e Casagrande (2020, p. 219), que apontam o distanciamento das instituições escolares em relação às tecnologias, destacando que essas estão frequentemente "mitigadas, omissas ou dissociadas do currículo de grande parte das escolas". Com nossa escola, não foi diferente: a pandemia nos forçou a incluir as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em nossas práticas de maneira abrupta e obrigatória.

Concordamos também com os autores quando afirmam que o ideal seria que as escolas já estivessem, "desde muito antes, em processo de ajustamento às práticas da cultura digital, no que tange às modificações fundamentais nos currículos, privilegiando aqueles que integrassem as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)" (Maia, Silva e Casagrande, 2020, p. 230).

Cabe relatar que durante o ano de 2020, os educadores precisaram improvisar com os equipamentos eletrônicos que tinham em casa. Somente em julho de 2021 a escola retomou o funcionamento presencial, com a instalação de internet cabeada em cada sala de aula, fornecimento de um notebook para os professores e recursos da Seduc para custear o acesso à internet nos celulares.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato das experiências vividas pela Escola Estadual Ênio Pipino durante o Ensino Remoto Emergencial evidencia os múltiplos desafios enfrentados pela comunidade escolar diante da transição abrupta do ensino presencial para o digital. A falta de preparo, recursos adequados e familiaridade com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) tornou o processo especialmente difícil para educadores, gestores e estudantes, mas também abriu espaço para inovações e reflexões sobre as práticas pedagógicas.

Professores precisaram improvisar com os poucos recursos disponíveis, enfrentando dificuldades técnicas e estruturais, como a escassez de equipamentos e a falta de conectividade. A desigualdade no acesso às tecnologias gerou exclusão digital e impactou a participação dos alunos nas aulas remotas, revelando disparidades profundas no processo de aprendizagem. A gestão escolar desempenhou papel fundamental ao buscar estratégias para garantir a continuidade do ensino e o apoio às famílias, por meio da entrega de materiais impressos e de cestas básicas.

Apesar dos obstáculos, houve aprendizados significativos. Ferramentas como Microsoft Teams e WhatsApp foram adaptadas de forma criativa para manter o vínculo entre escola, estudantes e famílias. A experiência trouxe à tona a necessidade de repensar a formação docente, sobretudo no que se refere ao uso pedagógico das tecnologias digitais.

Por fim, a pandemia expôs fragilidades na integração das TDICs à educação, mas também impulsionou debates importantes sobre a construção de uma escola mais inclusiva, conectada e preparada para os desafios contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

DE PAULA, Marta Conceição; HAYASHI. Mariana Hannae; CORONEL, Renata Martins; FERNANDES. Terezinha. A emergência da educação on-line no contexto pandêmico: potencialidades para o desenvolvimento de letramentos digitais. In: SOUZA,

BARTOLOMEU José Ribeiro. **Um tsunami na educação? Múltiplos olhares sobre a educação básica na pandemia.** Londrina, Editora Científica, 2021. p. 49-71.

MAIA, Mirtes Damares Santos de Almeida; SILVA, Danilo Garcia da.

CASAGRANDE, Ana Lara. **A Educação entre o Caos Pandêmico, Tecnologia e Política.** Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, v. 15, n. 41, p.217-234 set./dez. 2020. Disponível em: https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/2483 Acesso em 10/10/24 Acesso em 14 de maio de 2025.

PAVANELLI-ZUBLER, Élidi Preciliana, ZUBLER, Maria Cecilia Niedo. **Tecnologias no Contexto Educacional: justificativas para seu uso. EAD & TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, v. 12, p. 214-224, 2025. Disponível em:** https://ojs.ufgd.edu.br/ead/article/view/19550 Acesso em 12 maio 2025.

SANTOS, Edmea; RIBEIRO, Mayra; FERNANDES, Terezinha. Ciberformação docente em contexto de pandemia: multiletramentos críticos em potência. In: FRANK KERSCH, Dorotea. **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. p. 23 - 36.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempo de dispersão.** TraduçãoVera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.